


**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

MARIA LUIZA ZANTA BALDOCHI

**A TRANSITORIEDADE ENTRE O MUNDO  
PRIMITIVO E O MODERNO NAS OBRAS "THE  
SEA-WOLF" E "WHITE FANG" DE JACK LONDON**



ARARAQUARA – SP  
2012  
MARIA LUIZA ZANTA BALDOCHI

# **A TRANSITORIEDADE ENTRE O MUNDO PRIMITIVO E O MODERNO NAS OBRAS "THE SEA-WOLF" E "WHITE FANG" DE JACK LONDON**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da  
Faculdade de Ciências e Letras –  
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção  
do título de Bacharel em Letras.

**Orientador: Prof. Dr. Ricardo Maria dos Santos**

# **A TRANSITORIEDADE ENTRE O MUNDO PRIMITIVO E O MODERNO NAS OBRAS "THE SEA-WOLF" E "WHITE FANG" DE JACK LONDON**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientador: Prof. Dr. Ricardo Maria dos Santos**

Data da defesa/entrega: \_\_\_/\_\_\_/2012

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof. Dr. Ricardo Maria dos Santos**

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara/SP

---

**Membro Titular:**

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silvia Beatriz Adoue**

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara/SP

---

**Membro Titular:**

**Prof. Dr. Alcides Cardoso dos Santos**

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara/SP

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Câmpus de Araraquara

A todos aqueles que sempre acreditaram que eu seria capaz de realizar tudo aquilo que desejasse.

## Agradecimentos

Agradeço à minha família por sempre me incentivar e me mostrar o valor, não só do estudo e da leitura, mas do empenho.

Ao meu orientador que fez com que eu crescesse intelectualmente e que me mostrou as belezas da pesquisa, sempre de maneira calma, clara e completa.

Aos meus amigos, que sempre estiveram presentes em todos os momentos de dúvida, me incentivando a ir até o fim, e compartilhando experiências.

“I would rather be ashes than dust!  
I would rather that my spark should burn out in a brilliant blaze  
than it should be stifled by dry-rot.  
I would rather be a superb meteor, every atom of me in magnificent glow,  
than a sleepy and permanent planet.  
The function of man is to live, not to exist.  
I shall not waste my days trying to prolong them.  
I shall use my time.”

Jack London (1956, p.vii)

## RESUMO

O autor norte-americano Jack London escreveu em 1904 e 1906 as obras *The Sea-Wolf* e *White Fang*, respectivamente. A primeira retrata a vida de um crítico literário, Humphrey Van Weyden, que após o naufrágio do barco em que se encontrava é resgatado por uma escuna de caça, na qual é obrigado a trabalhar e a conviver com o brutal comandante Wolf Larsen, desenvolvendo assim um perfil mais primitivo. A segunda obra retrata a vida da personagem epônima, um lobo que deixa o mundo selvagem no qual nasceu para acompanhar seu último mestre na cidade grande, desenvolvendo assim características do mundo moderno. O presente trabalho visa empreender uma análise sobre os aspectos que possibilitam a transição entre o mundo primitivo e o mundo moderno nas obras citadas.

Palavras-chave: Jack London; literatura comparada; realismo; naturalismo

## ABSTRACT

The American author Jack London wrote the books *The Sea-Wolf* and *White Fang* in 1904 and 1906, respectively. The former portrays the life of a literary critic, Humphrey Van Weyden, who after the wreckage of the ship in which he was is rescued by a seal-hunting schooner, where he is obliged to work and to live with the brutal captain Wolf Larsen, and in doing so he develops a more primitive profile. The latter work portrays the life of the eponymous character, a wolf that leaves the wild world in which it was born to follow its last master in the city, thus developing features of the modern world. This paper aims to conduct an analysis of the aspects that allow the transition between the primitive and the modern world in those works.

Key-words: Jack London; comparative literature; realism; naturalism



## SUMÁRIO

1. Introdução .....	09
1.1. Jack London .....	09
1.2. <i>The Sea-Wolf</i> .....	10
1.3. <i>White Fang</i> .....	11
2. Metodologia .....	14
3. Desenvolvimento .....	15
4. Considerações finais .....	23
5. Bibliografia .....	25

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolve um estudo iniciado em 2010 como Iniciação à Pesquisa Departamental e tem como objetivo principal traçar como são configuradas diferentes situações narrativas que apontam para a transição, sob vários aspectos, do primitivo para o moderno em *The Sea-Wolf* e *White Fang*, abordando que implicações de natureza social podem ser abstraídas dessas transformações – e como a técnica de Jack London, usando de artifícios realistas e naturalistas, logra tornar histórias de aventura e superação em contos de poderoso impacto literário.

Cada uma dessas obras possui um percurso oposto, no entanto: em *The Sea-Wolf* vemos a saída de um mundo moderno para um primitivo, enquanto em *White Fang* deixamos o mundo primitivo para ir de encontro ao moderno. Assim, podemos observar as configurações de poder (social), quais características são úteis para sobreviver em cada mundo, as adaptações necessárias para tal, entre outras coisas. Para melhor compreensão do trabalho serão elencadas informações não somente sobre as obras, mas também sobre o autor.

### 1.1. Jack London

Jack London é um autor norte-americano que nasceu em 12 de janeiro de 1876 e faleceu em 22 de novembro de 1916. De uma família de baixa renda, o autor deixou cedo os estudos para trabalhar em fábricas e ajudar a família. Porém, sempre teve fascinação pela escrita e histórias de aventura, o que o motivou a se tornar um grande escritor. Suas histórias muitas vezes se baseiam nas próprias aventuras, já que ele trabalhou como pirata de ostras, repórter de guerra, garimpeiro, entre muitas outras.

London viveu na época de transição entre o realismo e o naturalismo, quando as ideias do liberalismo, da democracia e da observação psicológica (via William James e, depois, Freud) ganhavam mais força. Vemos que o realismo, numa simplificação didática, visa o tratamento fiel da realidade, ao mesmo tempo em que critica valores da sociedade moderna.

O naturalismo apresenta personagens – não raro de baixa renda e escolaridade – governadas por seus instintos, o sentimento amoroso é visto como uma manifestação fisiológica, e alguns traços do comportamento humano são considerados hereditários. Assim, há uma forte relação com o determinismo comtiano, segundo o qual os seres estão predeterminados a agirem de acordo com o meio onde vivem, e também com uma exploração

maior da sexualidade e de perfis psicológicos que frequentemente fugiam ao padrão mediano das sociedades em cuja cultura literária esse movimento se manifestou.

### **1.2. *The Sea-Wolf***

*The Sea-Wolf*, publicado em 1904, é o quarto livro escrito por Jack London. A história se inicia com o narrador, Humphrey Van Weyden tentando rememorar a razão que o levou a empreender a viagem que daria início a suas aventuras. Estava ele a bordo de um barco a vapor que, devido a uma grande neblina, colidiu com uma balsa. Tal colisão fez com que o *Martinez*, barco de nosso narrador, começasse a naufragar. Sem maiores lembranças, Humphrey se vê ao mar, sofrendo com a água gélida, até ser resgatado por uma escuna de caça, chamada *Ghost*, quase desacordado.

Na embarcação ele conhece Wolf Larsen, o capitão, um homem brutal que aterroriza toda a tripulação. Humphrey logo insiste para ser deixado em algum porto porém, seus pedidos se mostram inúteis, pois a escuna estava no começo de sua viagem à costa do Japão para caçar focas, e o capitão não iria desviar-se de seu curso para deixá-lo em terra. Assim, ele se vê obrigado a trabalhar como camaroteiro. Tal função estava desocupada, pois um marinheiro havia falecido, de forma que Larsen mudou a função de alguns marinheiros para deixar a Humphrey a de camaroteiro, normalmente exercida por jovens inexperientes.

A história prossegue com diversos episódios que ilustram a relação do capitão com Van Weyden. Vemos as crises de fúria de Larsen, nas quais ele ataca aqueles que lhe desobedecem, demonstrando assim sua tirania, e a razão pela qual é odiado por todos; vemos o crescimento de Humphrey, que ao início da narrativa mal conseguia ficar em pé durante uma tempestade na escuna, se transformar em imediato; como ele se aproxima de Larsen ao descobrir que este, apesar de sua brutalidade, lia obras de Spencer e Darwin, e gostava de discutir literatura e filosofia.

Há o momento em que Van Weyden se sobrepõe fisicamente ao cozinheiro Mugridge, ao mostrar mais coragem do que este ao ser desafiado, ganhando assim certo respeito da tripulação; vemos as disputas entre Wolf e seu irmão Death Larsen, dono de um barco a vapor, o *Macedônia*, que se dirigia ao mesmo ponto para caçar focas; e também o início da doença de Larsen, com dores de cabeça lancinantes, que o fazem passar dias trancado em sua cabine.

A história segue até meados da narrativa, quando nos deparamos com uma nova personagem, uma jovem escritora chamada Maud Brewster, a única mulher em um ambiente

majoritariamente masculino. Tal presença inicia uma disputa entre Humphrey e Larsen. Porém, o fato de Humphrey já a conhecer previamente, por meio de suas obras, e por pertencerem à mesma sociedade, faz com que os dois se aproximem, além do fato de ambos temerem as ações brutais de Wolf Larsen.

Um dos momentos de maior tensão na narrativa é quando Larsen ataca Maud no meio da noite. Humphrey, que pressentia algo errado, os encontra no exato momento, e inicia uma breve luta com Larsen, até que este é acometido por um de seus ataques de dor de cabeça, que o deixa incapacitado de continuar a briga. Após tal acontecimento, Humphrey e Maud decidem fugir da escuna. Eles furtam um dos barcos de caça, mantimentos e aparelhos de navegação e se lançam em uma jornada à costa do Japão, tendo Larsen em seus calcanhares. Porém, após uma tempestade o casal acaba ficando preso em uma ilha, que posteriormente também passa a abrigar Larsen, desertado por sua tripulação, que passara a trabalhar para Death Larsen, que lhes oferecia pagamento melhor.

Os três convivem na mesma ilha enquanto Humphrey tenta reconstruir o mastro da escuna *Ghost*, que se partira após Mugridge ter cortado as cordas que o seguravam, de uma maneira superficial. Vemos nesse momento que Larsen fica cada vez mais fraco devido a sua doença, ficando surdo e mudo, chegando ao ponto de não conseguir mais se mover. Porém, tais debilidades não o impedem de tentar sabotar Van Weyden sempre que possível. Por fim, vemos que Larsen não resiste mais à doença e falece. Humphrey, junto com Maud, consegue finalmente reconstruir a escuna, de forma que eles começam a navegar rumo a suas casas em São Francisco, mas logo são resgatados por um barco a vapor do serviço aduaneiro dos Estados Unidos.

### **1.3. *White Fang***

*White Fang*, publicado em 1906, é a sexta obra escrita por London. O livro trata da personagem epônima, um lobo que tem entre seus ancestrais não somente lobos como cães. O livro se inicia com uma bela descrição da imensidão do norte: frio e desconhecido. Em seguida conhecemos Bill e Henry, que transportam um corpo em um trenó puxado por cães. Os dois viajam até serem surpreendidos por uma alcateia de lobos que passa a acompanhá-los.

A partir de então, a cada noite um cão some do bando. Por fim, os homens descobrem que é uma loba que atrai os cães, que são posteriormente devorados pela horda de animais famintos. Quando um dos três últimos cães está indo em direção à loba, Bill decide interceder para tentar salvar o animal e matar a loba. Porém, Bill dispara as três balas que lhe restavam e

o silêncio passa a reinar, após o choro de dor e medo do cão. Assim, Henry decide colocar o caixão que transportava no alto de uma árvore, para mantê-lo a salvo, e continua sua viagem.

Porém, os lobos estavam ficando cada vez mais ousados devido à fome, de forma que Henry não conseguia mais dormir durante a noite, devido ao perigo. Após uma das noites insones, Henry percebeu que não conseguiria retomar a viagem, pois os lobos o haviam cercado. Assim, ele fica com os dois últimos cães, protegido por uma barreira de fogo, enquanto os lobos fazem tentativas para se aproximarem. Mas, chega um momento em que Henry está tão cansado, que ele adormece. Neste momento o fogo se torna mais brando, permitindo que os lobos se aproximassem e devorassem os dois cães. Por fim, o barulho de homens se aproximando afugenta os lobos, antes que estes conseguissem devorar Henry.

Posteriormente seguimos com os lobos, conhecendo *She-Wolf*, a esperta loba que era capaz de atrair os cães e que era a líder da alcateia. Ela era cortejada por *One Eye*, por um jovem lobo líder e por um outro lobo de três anos. Quando a época de fome se encerra, e a alcateia é desfeita, os três lobos lutam entre si para ver quem ficará com a fêmea. Inicialmente os dois lobos mais velhos se unem para matar o mais novo. Por fim, *One Eye* se aproveita de um momento de distração do jovem líder e o morde no pescoço, matando-o.

A partir deste ponto vemos a união de *She-Wolf* e *One Eye*, e o momento em que ela procura uma toca para o nascimento de sua ninhada. Conhecemos também o momento em que *One Eye* traz carne para a fêmea e os filhotes e quando ele sai para caçar durante um inverno e não retorna. Da ninhada conhecemos a forma frágil como passam os dias e descobrem o ambiente ao seu redor. Por fim, devido ao frio e às dificuldades em obter alimento, o único filhote que consegue sobreviver era o menor, o mais acinzentado, o que mais se parecia com um lobo.

A seguir conhecemos as descobertas que o filhote faz ao sair da toca e ir explorar a floresta ao seu redor, a curiosidade e o sabor de sua primeira presa, e o momento em que ele luta lado a lado com *She-Wolf* para derrotar um lince e obter carne. Sua vida muda no dia em que, ao ir até um rio tomar água, o filhote se depara com três índios. Quando eles se aproximam do filhote, *She-Wolf* aparece para protegê-lo. O momento de tensão reina até que um dos índios, Grey Beaver, a reconhece.

Neste momento ele a chama de Kiche e diz que ela já pertencera ao seu falecido irmão, mas que fora embora na época de escassez de alimento. Então, ele decide que agora que ela ressurgira ela pertenceria a ele. Assim, ele amarra uma corda no pescoço de Kiche e a leva até o acampamento indígena. O filhote, sem saber o que fazer ao certo, acaba seguindo sua mãe.

Desta forma, se inicia a segunda parte da vida do filhote, enfim nomeado White Fang. No acampamento indígena ele aprende, sempre por meio de surras ou algumas vezes com recompensas, que deve obedecer ao mestre e jamais causar mal a ele ou a sua família. Aprende a ser um cão de trenó, a sobreviver e a lutar, pois era sempre perseguido e atacado pelos filhotes dos cães que havia na tribo. Assim, White Fang cresce e após uma época de escassez alimentar e um período na floresta, ao retornar ao acampamento, ele encontra Kiche com outro filhote. Ela já não o reconhece mais, e o trata como um lobo macho desconhecido, atacando-o.

Por fim, com White Fang já completamente desenvolvido, ele passa a puxar o trenó de Grey Beaver até o Forte Yukon, local no qual o índio permanecia para vender alguns produtos. Nessa época chegavam embarcações com pessoas e cães – e White Fang, juntamente com outros cães, realizava grandes brigas. Estas sempre atraíam um pequeno público, e entre ele, uma pessoa em particular: Beauty Smith, um homem sádico e frio. Com grande interesse em White Fang, ele tentou comprá-lo de Grey Beaver. Mas este, que ia bem com os negócios e que sabia o valor do animal não quis vendê-lo. Porém, Beauty Smith, que era um homem muito esperto, passou a levar para o índio garrafas de uísque, de forma que Grey Beaver tornou-se alcoólatra e gastou tudo o que possuía com seu vício. Arruinado, o indígena não teve como recusar a proposta de venda do animal a Beauty Smith.

Tal fato nos leva a terceira etapa da vida de White Fang. Beauty Smith o maltratava com a intenção de deixá-lo feroz. Fazia tudo que podia para tal, o deixava preso, ria dele, o cutucava com uma vara, e o agredia. Após tal período de “preparação” o homem começou a marcar lutas para o animal, nas quais dinheiro era apostado e o vencedor levava tudo. Assim, White Fang lutou primeiro contra cães menores, do seu tamanho e maiores; depois, contra lobos e lincos; por fim, o colocaram para lutar contra um buldogue. Este, por ter conseguido fincar seus maxilares potentes no pescoço de White Fang, assim como resistir aos movimentos de fuga do mesmo, foi o primeiro oponente que o lobo não conseguiu vencer. Assim, no decorrer da luta White Fang foi ficando cada vez mais machucado e fraco, beirando a morte, até ser resgatado por Weedon Scott.

Conhecemos então, a etapa final da vida de nossa personagem. Após White Fang se recuperar da briga, vemos que Weedon Scott e seu empregado, o operador de trenó de cães Matt, inicialmente pensaram em sacrificá-lo, pois ele era muito hostil. Porém, ao perceberem que o lobo possuía muito de cão e que era muito inteligente decidem por dar a ele uma chance, afinal ele não deveria ter tido muitas durante sua vida. Com paciência e determinação

Weedon Scott consegue se aproximar de White Fang e se torna o mestre que mostra a ele o significado do amor.

A afeição do animal pelo dono é tão extrema que, quando Scott necessita realizar uma viagem e ficar longe por algum tempo, White Fang, que ficara com os outros cães sob os cuidados de Matt, fica tão desesperado que para de se alimentar e de se defender contra os cães até o retorno de Weedon. Um dos momentos de maior devoção é quando Scott precisa voltar para a Califórnia. Já no cais para pegar o barco, ao se despedir de Matt, Weedon se depara com White Fang, que os encara ao longe. Quando este se aproxima, eles percebem que o animal estava com alguns cortes e presumem que ele quebrara o vidro da janela da cabine para poder ir ao encontro deles. Então, Scott decide levá-lo consigo.

Assim, White Fang aprende novas leis, para poder viver na cidade. Aprende que não deve atacar animais, ou fazer mal aos familiares e criados de seu mestre, e que deveria viver tranquilamente na casa de campo do pai de Scott, um juiz. Ele também aprende a conviver com os outros dois cães que viviam na casa, a rápida Collie, a primeira que consegue fazê-lo rolar no chão duas vezes com suas investidas, e um cão veadeiro que tenta ser amigável.

Após White Fang se acostumar com a vida na casa, conhecemos certo dia a notícia de que um homem que fora condenado pelo pai de Weedon fugira da cadeia. Começa assim um segredo entre White Fang e a esposa de Weedon Scott. A cada noite ela o colocava para dormir na sala, sem que ninguém visse, com receio de que algo pudesse acontecer. Uma noite o fugitivo entra na casa para se vingar do juiz, e quando ele começa a traçar o caminho dos quartos, White Fang o ataca e o mata, salvando assim a família de seu mestre. Porém, ele fica gravemente ferido, beirando novamente a morte, devido aos machucados. Nenhum esforço, porém, é poupado para fazer com que o lobo-cão tivesse todas as oportunidades de se recuperar. Quando este melhora, contrariando todas as chances, é admirado por toda a família e não mais parcialmente temido.

## **2. METODOLOGIA**

Apesar de ter tido grande êxito comercial à época da publicação de suas obras, Jack London não apresentava, até recentemente, um reconhecimento crítico de expressão. A partir do aniversário de publicação de suas obras *The Call of the Wild* [“Chamado Selvagem”], em 2003, *The Sea-Wolf* [“O Lobo do Mar”], em 2004 e *White Fang* [“Caninos Brancos”], em 2006, a fortuna crítica do escritor teve uma revitalização em termos de ensaios e da apreciação de seu talento literário.

Em vista do exposto, a seleção de artigos e livros para compor o *corpus* da pesquisa privilegiou a seleção de algumas poucas obras que poderiam auxiliar no aprofundamento da questão da transitoriedade entre os mundos primitivo e moderno nos textos.

Partimos da análise imanente dos textos londonianos no que eles convergiam e/ou contrastavam quanto à questão central, trazendo a contribuição dos ensaios críticos para iluminar aspectos específicos das duas narrativas.

### 3. DESENVOLVIMENTO

*The sea-wolf: Jack London's swinish title*, de Edward W. Pitcher, trata sobre os termos *swine/pig/hog* que são vistos durante vários trechos da narrativa de London. O autor chama a atenção para tal terminologia, refletindo sobre o fato de que Wolf parecia ser uma criatura superior ao resto da tripulação, escapando de tal alcunha. Porém, ao final, descobrimos que *sea-wolf* pode ser sinônimo de *wolf-fish*, que por sua vez corresponde a *swine-fish* (um tipo de peixe muito agressivo), nos levando a crer que apesar de tudo, Wolf estava no mesmo patamar que o resto da tripulação. Por fim, Pitcher nos diz que Larsen não era diferente dos demais, escapando da denominação, mas sim, que ele era superior entre os membros de sua "espécie": "He (Wolf Larsen) was masterpig over the peasant and slave pigs, the strongest yeastlife feeding on other yeast." (PITCHER, 2003, p. 43).

Pela leitura do livro podemos concluir que a tripulação, assim como o capitão, valorizava mais o desenvolvimento físico em detrimento do intelectual. Wolf Larsen, como o trecho citado demonstra, era um homem bruto e que se utilizava de tal força física para que fosse capaz de controlar a todos. Como exemplo, temos o momento em que ele força o antigo camaroteiro a mudar de função:

"Then came another stirring of Wolf Larsen's tremendous strength. (...) He had sprung fully six feet across the deck and driven his fist into the others' stomach. (...) He lifted into the air, described a short curve, and struck the deck alongside the corpse in his head and shoulders, where he lay and writhed about in agony." (LONDON, 2004, p.23)

Quanto a esta brutalidade vemos que Humphrey estava sempre em desvantagem. No início do livro, quando ele é resgatado pela escuna, o cozinheiro Mugridge o assemelha a uma mulher, tamanha a sua delicadeza:



"I only 'ope yer don't ever 'ave to get used to such as that in this life, 'cos you've got a bloomin' soft skin, that you 'ave, more like a lydy's than any I know of. I was bloomin' well sure you was a gentleman as soon as I set eyes on yer." (LONDON, 2004, p.12).

Porém, ao final da obra vemos que é o próprio Humphrey que admite ter adquirido uma força física que não possuía, e ainda que tal mudança se deveu ao fato de conviver com Larsen "“Wolf Larsen, in large doses,' I murmured, 'before and after taking.'”(LONDON, 2004, p.250). Assim, podemos concluir que ao voltar para sua cidade, Humphrey teria a posição de Wolf, sendo mais desenvolvido fisicamente que os outros. Ou seja, ele retornaria ao mundo moderno trazendo em si características do mundo primitivo, que foram ensinadas por Larsen.

A mesma questão da força se aplica a White Fang, que, conforme cresce, desenvolve grande força física para sobreviver no meio em que vive. Há trechos em que London diz ser graças aos seus músculos de lobo, sua estrutura física, que White Fang consegue vencer certas lutas e correr grandes distâncias.

"By the middle of the second day he had been running continuously for thirty hours, and the iron of his flesh was giving out. It was the endurance of his mind that kept him going. He had not eaten in forty hours and he was weak with hunger."(LONDON, 2004, p.143)

Porém, tal força ao final do livro teve de ser controlada e até mesmo abandonada, assim como velhos hábitos. Por exemplo, temos o momento em que White Fang vai viver na fazenda do pai de Weedon Scott, tendo de se acostumar com as pessoas que lá viviam e seus costumes.

"There was much in others matters for White Fang to learn. Life in Northland was simplicity itself when compared with the complicated affairs of Sierra Vista. (...)What was of value to the master he valued; what was dear to the master was to be cherished by White Fang and guarded carefully."(LONDON, 2004, p.208)

Com análise semelhante temos o artigo *Sex, gender, and death in the Sea-Wolf*, de Vinnie Oliveri, no qual há uma extensa análise sobre sexualidade. Como já foi dito, vemos que Humphrey inicialmente é caracterizado como uma personagem com traços femininos; ao passo que, com a convivência com Larsen (personagem que ostenta traços de masculinidade primitiva, marcada por brutalidade e força física) e Maud (mulher, que toma para si o papel de

personagem feminina), é transformado em um homem “ideal” com traços primitivos e modernos.

“Van Weyden has been consuming Larsen all along, however, learning the gestures of masculinity, and commenting at one point late in the text that his 'improvement' with respect to his masculinity is attributable to 'Wolf Larsen, in large doses' (246).” (OLIVERI, 2003, p.113)

Para ilustrar tais momentos em que Humphrey assume para si o papel masculino, que era exercido por Larsen, deixando então de ser uma personagem frágil do mundo moderno, temos dois trechos. O primeiro do início do livro, quando após uma discussão em que Larsen perde em argumentos, ele apela para a força:

"He had gripped me by the biceps with his single hand, and when that grip tightened I wilted and shrieked aloud. My feet went out from under me. I simply could not stand upright and endure the agony. The muscles refused their duty. The pain was too great. My biceps was being crushed to a pulp."(LONDON, 2004, p.67)

O segundo, que já ocorre ao meio da obra, retrata o momento em que Maud entra na história, assumindo para si o papel feminino que era, de certa forma, exercido por Humphrey:

"I found myself strangely afraid of this woman I was escorting aft. Also I was awkward. It seemed to me that I was realizing for the first time what a delicate, fragile creature a woman is; and as I caught her arm to help her down the companion stairs, I was startled by its smallness and softness. Indeed, she was a slender, delicate woman as women go, but to me she was so ethereally slender and delicate that I was quite prepared for her arm to crumble in my grasp."(LONDON, 2004, p.139-140)

Verificamos em *White Fang* que o mais forte também é aquele que controla os outros. No caso, *White Fang* se submete aos humanos, pois estes são mais desenvolvidos: “In dim ways he recognised in man the animal that had fought itself to primacy over the other animals of the Wild. (...)two-legged animal that was lord over living things.” (LONDON, 2004, p.123). O mesmo se vê no seguinte trecho:

"The man-animals were gods unmistakable and unescapable. (...)For behind any wish of theirs was power to enforce that wish, power that hurt, power that expressed itself in clouts and clubs, in flying stones and stinging lashes of whips."(LONDON, 2004, p. 131)

Quanto à questão da personagem feminina, esta surge em Collie. Em sua primeira aparição ela derruba *White Fang*, não só uma, mas duas vezes. Porém, pelo fato dela ser uma

fêmea ele sente que não deve atacá-la, por ela ser uma criatura mais delicada, exercendo ele também a sua masculinidade que subjuga o ser feminino. “It was a female, and the law of his kind thrust a barrier between. For him to attack her would require nothing less than a violation of his instinct.” (LONDON, 2004, p.204)

Em *Canvas and steam – Historical conflict in Jack London’s Sea Wolf*, o enfoque recai em uma analogia sobre o fim do século XIX, encarnado por Wolf Larsen, e a vitória do século XX e suas mudanças, encarnado por seu irmão Death Larsen. O ponto chave se baseia no fato de Wolf se tornar obsoleto e decair, ao passo que seu irmão possui em si traços das mudanças que ocorrerão.

Tais mudanças são descritas como uma maior remuneração aos marinheiros: “Hunters went back on me. He gave them a bigger lay. Heard him offering it. Did it right in front of me, of course the crew gave me the go-by. That was expected.” (LONDON, 2004, p.237); como os avanços na área mecânica (já que ele possui um barco a vapor) e a realização de outros tipos de serviços (além do de caça), como o contrabando e o comércio de escravos:

"Death Larsen is in the command of the only sealing steamer in the fleet, the *Macedonia*, which carries fourteen boats, whereas the rest of the schooners carry only six. There is wild talk of cannon aboard and of strange raids and expeditions she may make, ranging from opium smuggling into the State and arms smuggling into China to blackbirding and open piracy."(LONDON, 2004, p.81)

Assim, Death valoriza mais a velocidade, em detrimento do significado das coisas: “In the new era, man will no longer look outside of himself to nature for spiritual salvation, as Wolf comes close to doing on the Ghost.” (PAPA, 1999, p. 278). O próprio Larsen reafirma a fala de Papa: “And he is happier for leaving life alone. He is too busy living it to think about it. My mistake was in ever opening the books.” (LONDON, 2004, p.80)

Isso também ocorre em *White Fang*, pois aos poucos a personagem principal vai deixando o mundo selvagem (alusão ao século XIX, ao passado, que seria “exterminado”) ao qual pertencia para ir para o mundo moderno (alusão ao século XX, ao futuro). O primeiro momento no qual vemos que a personagem não deseja regressar ao mundo selvagem é na época em que ele vive com Grey Beaver:

"It was necessary that he should have some god. The lordship of man was a need of his nature. The seal of his dependence on man had been set upon him in that early day when he turned his back on the Wild and crawled to Grey Beaver's feet to receive the expected beating." (LONDON, 2004, p.192)

Posteriormente quando White Fang já estava em São Francisco com Weedon Scott, temos um dos principais momentos de sua aceitação do mundo moderno, com suas regras sociais. Após atacar as galinhas do galinheiro da casa de campo em que vivia, Scott trancou o animal no galinheiro, apostando com seu pai que White Fang não atacaria nenhuma galinha, pois ele o havia dito que não poderia mais fazer aquilo. White Fang resistiu bravamente: “The chickens he calmly ignored. So far he was concerned they did not exist. (...) He had learned the law.” (LONDON, 2004, p.212)

No artigo *And rescue us from ourselves – becoming someone in Jack London’s The Sea-Wolf*, há a construção de uma linha vertical e horizontal. Segundo o autor:

“The evolutionary process of standing up and walking on two feet represents for London a series of less strictly physical qualities: independence, moral heroism, and virile manhood. By contrast, lying down denotes dependency. Death, cowardice, and ultimately (or so the novel asserts) femininity.” (MITCHELL, 1998, p. 321)

Assim, podemos concluir que a primeira linha trabalha a questão de se sustentar sobre as próprias pernas, o que pode ser uma menção a Darwin, na medida em que este pregava a evolução do ser humano, que passou a ficar cada vez mais ereto durante seu desenvolvimento. Também pode ser um ponto referente à masculinidade, assim como uma alusão a Humphrey “ganhar” um corpo, se tornar independente (se desenvolver fisicamente) na medida em que Larsen “perde” o seu (devido à doença).

Se seguirmos as descrições de Humphrey durante a narrativa, veremos que há um crescimento gradual. Inicialmente ele é a todo momento diminuído, como no seguinte comentário de Larsen: “Who earned it? Eh? I thought so. Your father. You stand on dead men's legs. You've never had any of your own. You couldn't walk alone between two sunrises and hustle the meat for your belly for three meals.” (LONDON, 2004, p.20). Larsen comenta o fato de Humphrey ter um ordenado que faz com que ele não necessite trabalhar, e que por isso a personagem nunca andou sobre as próprias pernas, nunca se sustentou por meios próprios.

Posteriormente temos um momento em que Humphrey mostra uma atitude diferente, em que ele enfrenta o que lhe é dito e toma uma atitude a respeito. Se trata de quando ele e o cozinheiro Mugridge ficam horas afiando facas um na frente do outro: “He went on whetting his knife. So did I. And for two hours we sat there face to face, whet, whet, whet, till the news of it spread abroad and half the ship's company was crowding the galley doors to see the sight.” (LONDON, 2004, p.72); até que Mugridge se acovarda: “Coward that I might be, I

was less a coward than he. It was a distinct victory I had gained, and I refused to forego any of it by shaking his detestable hand.” (LONDON, 2004, p.73)

Em seguida vemos que Van Weyden passa a crescer na narrativa. Ele deixa de ser camaroteiro para se tornar imediato:

“By the way, Hump, as I have remarked, you are a handy man,' Wolf Larsen began when my work was done. 'As you know, we're short a mate. Hereafter you shall stand watches, receive seventy-five dollars per month, and be addressed fore and aft as Mr. Van Weyden” (LONDON, 2004, p.113-114).

Como vimos na citação de Mitchell, a segunda linha denota o oposto da primeira: dependência, morte, covarda e por fim, feminilidade. Concluimos, então que esta linha era inicialmente ocupada por Humphrey, que no início da obra erotizava Larsen:

"The jaw, the chin, the brow rising to a goodly height and swelling heavily above the eyes - these, while strong in themselves, unusually strong, seemed to speak an immense vigor and virility of spirit that lay behind and beyond and out of sight. (...)The eyes - and it was my destiny to know them well - were large and handsome, wide apart as true artist's are wide(...)" (LONDON, 2004, p.19)

Porém, com a chegada de Maud houve uma inversão, sendo que ela passou a ocupar tal posição. Os exemplos são vários e mais numerosos a partir do momento em que ela e Humphrey estão presos na ilha. Ela, embora sempre desejasse ajudar, permanecia com as funções de cozinhar e arrumar as cabanas em que ficavam, o que muito agradava Van Weyden: “I experienced a positive sensuous delight as I crawled into the bed she had made with her hands.” (LONDON, 2004, p.207)

Já no caso de *White Fang*, vemos que existe uma relação imutável quanto à linha vertical, já que a partir do momento em que o lobo interage com humanos (seres mais desenvolvidos), White Fang é sempre o dominado, aquele que se submete aos desejos dos outros, seja por vontade própria ou não. Primeiramente temos o momento em que ele convive com Grey Beaver: “White Fang lay at Grey Beaver's feet, gazing at the fire that warmed him, (...)with the gods to whom he had given himself and upon whom he was now dependent.” (LONDON, 2004, p.144).

Posteriormente ele fica sob o controle de Beauty Smith:

"Under the tutelage of the mad god, White Fang became a fiend. He was kept chained in a pen at the rear of the fort, and here Beauty Smith teased and irritated and drove him wild with petty torments." (LONDON, 2004, p.171)

Por fim, quando White Fang se encontra sob os cuidados de Weedon Scott:

"*Like* had been replaced by *love*. (...) This was a god indeed, a love-god, a warm and radiant god, in whose light White Fang's nature expanded as a flower expands under the sun." (LONDON, p.193, 2004).

Quanto à linha horizontal o mesmo se aplica, já que o lobo se submete ao desejo de seus mestres, sendo tal questão estendida a todos os demais animais da trama, que ocupam assim lugares semelhantes. Porém, nem todas as características de tal linha se aplicam à obra. Uma das diferenças se refere quanto à questão da covardia. Há trechos em que White Fang arrisca a própria vida para proteger aqueles a quem é devotado, como ao fim do livro:

"Three broken ribs, one at least of which has pierced the lungs. He has lost nearly all the blood in his body. There is a large likelihood of internal injuries. He must have been jumped upon. To say nothing of three bullet-holes clear through him. One chance in a thousand is really optimistic. He hasn't a chance in a ten thousand." (LONDON, 2004, p.223)

Partindo para outra análise, podemos verificar as propostas estéticas utilizadas por London. Seguindo pela linha realista vemos que o autor fornece descrições muito vivas, pelo fato de em sua vida ter conhecido os locais sobre os quais escreve. No caso de *White Fang*, conhecemos a gélida região do Klondike:

"Dark spruce forest frowned on either side the frozen waterway. The trees had been stripped by a recent wind of their white covering of frost, and they seemed to lean towards each other, black and ominous, in the fading light. A vast silence reigned over the land. The land itself was a desolation, lifeless, without movement, so lone and cold that the spirit of it was not even that of sadness. There was a hint in it of laughter, but of a laughter more terrible than any sadness – a laughter that was mirthless as the smile of the sphinx, a laughter cold as the frost and partaking of the grimness of infallibility. It was the masterful and incommunicable wisdom of eternity laughing at the futility of life and the effort of life. It was the Wild, the savage, frozen-hearted Northland Wild." (LONDON, 2004, p.71)

O mesmo pode ser observado em *The Sea-Wolf*, quando conhecemos as descrições da escuna *Ghost*:

"As he told me, the *Ghost* is an eight-ton schooner of a remarkably fine model. Her beam, or width, is twenty-three feet, and her length a little over ninety feet. A lead keel of fabulous but unknown weight makes her very stable, while she carries an immense spread of canvas. From the deck to the truck of the maintopmast is something over a hundred feet, while the foremast with its topmast is eight or ten feet shorter." (LONDON, 2004, p.43)

Já pela linha naturalista temos a questão da hereditariedade, vista principalmente em *White Fang*. O lado primitivo, transmitido por ancestrais é muito valorizado, sendo um complemento da forma como o animal apreendia o mundo ao seu redor. "The cub had never seen man, yet the instinct concerning man was his." (LONDON, 2004, p.123), este trecho se dá logo ao início, quando White Fang encontra o homem pela primeira vez. Na outra obra trabalhada vemos que a hereditariedade também está presente, embora em menor escala: "An' 'ow yer fellin' now, sir?' he asked with the subservient smirk which comes only of generations of tip-seeking ancestors." (LONDON, 2004, p.10)

Assim, podemos concluir que a transição de um mundo moderno para um mundo primitivo e vice versa se dá de diferentes formas, em diversos momentos da narrativa. De maneira geral, são as experiências vividas e o jeito como elas influenciam na vida de cada personagem que constroem as transições.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as duas obras citadas e utilizando como apoio os artigos listados, chegamos às seguintes conclusões. Em relação à ligação das personagens com o meio, vemos inicialmente que este funciona como um definidor, que molda a personalidade de cada personagem, exigindo a cada momento o desenvolvimento de novas características que serão úteis para a sobrevivência. Por exemplo, em *The Sea-Wolf* temos os momentos, já citados, de quando Humphrey cresce na narrativa, pois desenvolve as características necessárias para se promover no meio em que estava. O mesmo se dá em *White Fang* quando a personagem aprende que não deve machucar aqueles que são queridos por seus mestres.

Ao mesmo tempo o meio também demanda a supressão de certas características, visando à adaptação. Como exemplo, temos *White Fang*, que no início de sua história precisou desenvolver grande agilidade e força física, para sobreviver em meios hostis, e ao fim precisava controlar ambas, além de saber controlar seus instintos de caça. Já na outra obra trabalhada podemos pensar nas características delicadas que Van Weyden deixa de ter; e até mesmo no caso de Larsen, que não consegue se adaptar ao novo mundo, às mudanças que estão por vir, e falece ao final da história.

Quanto à utilização das propostas estéticas, vemos que London se utiliza delas sutilmente. Seguindo pela linha realista, temos um tratamento fiel da realidade, principalmente pelo fato do próprio autor ter vivido nos ambientes sobre os quais escreve. Em *The Sea-Wolf* temos várias descrições fiéis da vida marítima, como os detalhes da construção e da capacidade da escuna *Ghost*, devido ao fato de London desde muito cedo ter uma paixão pelo mar, trabalhando como marinheiro por anos, inclusive como caçador de focas na costa do Japão. O mesmo ocorre em *White Fang*, já que London fora para as regiões geladas do Klondike (na fronteira entre o Canadá e o Alasca) durante a corrida pelo ouro, conhecendo assim personagens que haveria de imortalizar em seus livros.

Em relação às críticas à sociedade moderna, vemos que elas também estão presentes em *The Sea-Wolf*, como podemos observar no trecho citado sobre Humphrey não se sustentar por seus próprios meios. No caso, Larsen falava sobre vagabundos que não trabalhavam e por isso eram presos. O contraponto era que, segundo Larsen, a diferença entre estes e Humphrey era o fato de que o segundo possuía uma herança e os que vadiavam não.

Já o naturalismo apresenta personagens de baixa renda e escolaridade que são governadas por seus instintos, o que é observado na mesma obra. Na escuna todas as personagens apresentam tal característica, sendo assim a utilização da força física e de



instintos primitivos quase uma desculpa para sua sobrevivência, já que em um mundo moderno a baixa renda e escolaridade podem implicar dificuldades de sobrevivência. Wolf Larsen e o cozinheiro Mugridge são bons exemplos de tal característica, sendo que o primeiro, por ser mais desenvolvido fisicamente, conseguiu chegar à posição de capitão, enquanto o segundo reclamava do fato de não ser forte o suficiente para obter sucesso em uma posição mais alta.

Quanto à hereditariedade, esta se manifesta principalmente em *White Fang*, pois em diversas passagens o narrador recorre a tal questão. Sabendo que White Fang descendia de lobos e cães, podemos ver a influência de ambos em seu desenvolvimento. O lado mais selvagem de White Fang é caracterizado por músculos mais fortes e leveza, o que faz com que ele consiga correr longas distâncias, assim como tenha facilidade em calcular a distância em que seus oponentes se encontram; tais características são úteis em principalmente dois momentos, enquanto ainda filhote quando fugia dos cães que o perseguiam no acampamento indígena, e quando era obrigado a lutar contra outros animais. Já seu lado cão foi necessário sobretudo quando passou a viver entre os índios, tendo que se submeter às vontades de seu mestre, e na cidade onde deveria obedecer às regras sociais.

Assim, vemos que as análises apontam para uma duplicidade de estratégias. É possível observar características tanto do mundo primitivo quanto do moderno, e ambas coexistem em diversos pontos das narrativas, sendo as mesmas construídas com a junção dos dois mundos, se utilizando das características que melhor servem à sobrevivência.

## 5. BIBLIOGRAFIA

BERLINER, Jonathan. Jack London's Socialistic Social Darwinism. *American Literary Realism*, vol. 41, nº 1, Fall-2008, pp. 52-78, Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/>>, Acesso em: 18/12/2009.

LONDON, Jack. *Call of the wild and White Fang*. London: Wordsworth, 2004.

\_\_\_\_\_. *The sea-wolf and selected stories*. New York: Signet Classic, 2004.

MITCHELL, Lee C. "And rescue us from ourselves": becoming someone in Jack London's "The sea-wolf". *American Literature*, vol. 70, nº 2, jun-1998, pp.317-335. Disponível em: <<http://www.jstor.org/>>, Acesso em: 18/12/2009.

OLIVERI, Vinnie. Sex, Gender, and Death in "The Sea-Wolf". *Pacific and Modern Language Association Stable*, vol. 38, 2003, pp.99-115, Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/30037163>>, Acesso em: 18/12/2009.

ORGERON, Marsha. Rethinking Authorship: Jack London and the Motion Picture Industry. *American Literature*, vol. 75, no 1, mar-2003, pp.91-117, Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/>>, Acesso em: 18/12/2009.

PAPA, James A. Canvas and steam historical conflict in Jack London's Sea-wolf, *The Midwest Quarterly*, vol.40, no. 3 (spring-1999), pp.274-84, Disponível em: <<http://vnweb.hwwilsonweb.com/>>, Acesso em: 16/12/2009.

PEASE, Donald E. Psychoanalyzing the narrative logics of naturalism: "The Call of the Wild". *Journal of Modern Literature*, vol. 25, nº 3/4, summer-2002, pp.14-39, Disponível em: <<http://vnweb.hwwilsonweb.com/>>, Acesso em: 18/12/2009.

PER SERRTSLEV, Petersen. Jack London's Medusa of Truth, *Philosophy and Literature*, vol. 26, nº 1, abril-2002, pp.43-56, Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/>>, Acesso em: 18/12/2009.

PITCHER, E. W. "The Sea-Wolf": Jack London's Swinish Title, *ANQ*, vol. 16, nº 3, Summer-2003, pp.42-4, Disponível em: <<http://vnweb.hwwilsonweb.com/>>, Acesso em: 18/12/2009.

SHEPARD, Irving. *Jack London's Tales of Adventure*. New York: Doubleday, 1956.

STONE, Irving (1903). *A vida errante de Jack London*. Trad. Genolono Amado e Geraldo Cavalcante. Rio de Janeiro: J. Olympio,1941.

TITUS, Warren I. Two Unpublished Letters of Jack London, *California Historical Society Stable*, vol.39, nº 4 (dezembro-1960), pp.309-310, Disponível em: <<http://www.jstor.org/>>, Acesso em: 16/12/2009.

WILLSON, Carolyn. London Album: A California Legend at Work and Play, *California Historical Society Stable*, vol. 55, nº 3, pp. 218-245, Disponível em: <<http://www.jstor.org/>>, Acesso em: 16/12/2009.